

Análise Interlinear morfema a morfema do poema¹

Na kal lingu ke n na skirbi²

(de Odete Costa Semedo [com tradução feita pela própria])

Exemplificando a gramática do crioulo guineense

CG – Dra. Odete Costa	1.SG – item gramatical analisado - Incanha Intumbo incanha@yahoo.com.br
------------------------------	---

1-CG	Na	kal	lingu	ke	n	na	skirbi...
	PREP	INTER	língua	REL	1.SG	TMA	escrever
PORT	em	qual	língua	que	eu		escrever
Trad	‘Em que língua escrever?’						

2a-CG	nha	diklarason	-s	di	amor?
	POSS	declaração	PL	PREP	amor
PORT	minha	declarações		de	amor
Trad	‘as declarações de amor?’				

NOTAS (resumo da gramática):

1.SG

O pronome pessoal sujeito clítico da primeira pessoa do singular no crioulo, é a nasal velar /ŋ/ ‘eu’. Pode ocorrer sob a mesma forma, não apenas no crioulo mas também no balanta *n’ten* ‘eu tenho’, bem como em algumas línguas africanas guineenses, tais como o mancanha *n’di ka*, o manjaco *ma n’ka* ‘eu tenho’, o papel (pepel) *ndji ka* ‘eu tenho’.

Em algumas dessas línguas a nasal velar não representa o pronome pessoal clítico em causa, mas sim o segmento inicial do mesmo pronome. Isso leva-me a concluir que etimologicamente as formas deste pronome nas línguas africanas da Guiné (pelo menos em algumas delas) podem estar relacionadas com a forma crioula.

O nosso crioulo distingue, na série dos pronomes pessoais sujeito, as formas enfáticas (usados como reforço) das não enfáticas (de uso obrigatório). Os pronomes pessoais enfáticos nunca são

¹ Trabalho revisto, após vários feedbacks positivos de compatriotas, manifestando interesse e solicitando a clarificação e desenvolvimento de alguns itens. Bem Hajam. Não calculava que esta rápida reflexão interessasse tanto a nossa comunidade.

² SEMEDO, Maria Odete da Costa. *Entre o ser e o amar*. Bissau: INEP, Coleção Kibur, Nº 3, 1996. p.10-13.

argumentos do predicado (Kihm 1994:151³):

2b-CG	i	pati	ami [agramatical] (-n)	livru.
	3.SG	oferecer	1.SG ENF	livro
	Ele	oferecer	me	livro
	'Ofereceu-me um livro.'			

Quer os enfáticos quer os não enfáticos, ambos podem desempenhar a função gramatical de sujeito porém apenas os não enfáticos ocorrem isolados como sujeito do verbo.

Os enfáticos ocorrem sempre acompanhados dos não enfáticos, e apenas algumas formas dos não enfáticos podem desempenhar as funções de objecto directo, de objecto indirecto e de objecto de preposição (ibid).

3-CG		<i>N</i>	<i>tene</i>	<i>fidju</i>	<i>matcu.</i> ⁴
CG	(Ami)	N	tene	fidju	matcu.
CG	Ami	N	tene	fidju	matcu. [agramatical]
	1.SG ENF	1.SG N.ENF	tene	fidju	matcu.
	Eu	eu	ter	filho	macho

PORT: 'Tenho um filho'

Os pronomes pessoais objecto de preposição são formalmente idênticos aos pronomes pessoais sujeito enfáticos sem o prefixo *a-* nas duas primeiras pessoas.

POSS-Ø Declaração - PL

Veja-se a ausência de concordância entre o núcleo nominal e o seu determinante, facto recorrente no crioulo guineense (cf. nota sobre o PL).

TMA

Pensa-se que as formas verbais do crioulo guineense derivam da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo das formas portuguesas.

Há quem relacione a etimologia (a origem) das formas dos verbos do nosso crioulo ao infinitivo português, com a apócope da vibrante em final absoluto (r em final de palavra).

Ora em palavras como **lugar** embora não sendo verbo, a vibrante final não caiu e continuamos a dizer *lugar* em crioulo. Ainda não se conseguiu relacionar a forma **i** (forma do verbo *sedu* 'ser'

³ KIHM, Alain (1994). *Kriyol Syntax: the portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

⁴ No basilecto (kryol fundu) o género é marcado (normalmente nos nomes [+humanos] e por via lexical, i.e., pospondo aos nomes as palavras *macho* ou *femia* ('macho' ou 'femea') para o masculino ou feminino. No mesolecto e no acrolecto porém, pode usar-se (de forma redundante) a marcação do basilecto e a marcação por sufixação, seguindo as regras do português.

distinta funcionalmente do pronome pessoal sujeito 3.SG) com o infinitivo do português **ser** com a apócope da vibrante. Mas é mais consensual a sua relação etimológica com a forma **é** (forma o verbo ser, na terceira pessoa do singular do indicativo presente).

As gramáticas tradicionais das línguas românicas, a do português no caso, ensinam-nos que a estrutura dos verbos é constituída por um radical (invariável nos verbos regulares), uma vogal temática (indica a conjugação a que o verbo pertence) e uma série de desinências, onde estão amalgamadas as informações do aspecto, tempo, modo, pessoa e número gramaticais.

Assim por exemplo a forma verbal do português *cantávamos* pode ser decomposta em:

cant	-a	-va	-mos
RAD	V. TEM	IMP IND	1.PL

Isto é, na forma verbal dada temos elementos que nos permitem deduzir que *cantávamos* é uma forma do verbo cantar da 1ª conjugação, na primeira pessoa do plural do imperfeito do indicativo.

Ora no nosso crioulo as informações de tempo, de modo e de aspecto (TMA) são nos fornecidas pelos morfemas pré ou pós postos aos verbos, também chamados no campo da linguística de contacto de marcadores de TMA. São eles: os marcadores pré verbais **{na e ta}** enquanto que os pós verbais são **{ba, dja e ba dja}**.

- O marcador pré verbal **na** indica que a acção enunciada pelo verbo que lhe segue está em curso ou há-de ocorrer num momento posterior. Por isso é chamado de marcador do progressivo ou do tempo futuro;
- O marcador **ta** indica que a acção ou o estado do verbo é recorrente, habitual. Também é usado para formular pedidos ou ordens que devam ser cumpridos, conforme a disposição do destinatário. É o marcador do habitual e pode servir como marcador do modo conjuntivo;
- Na posição pós verbal, o marcador **ba** indica que a acção ou o estado do verbo decorreu num momento anterior (marcador do anterior) e se combinado com o **na** pré verbal, indica que a acção estava em curso quando uma outra acção, também ela pretérita, decorreu;
- O marcador **dja** quando posposto a um verbo estativo (vulgo verbo de estado), indica que a acção teve um início e um fim num momento anterior. Embora os verbos não estativos (vulgo verbo de acção) quando não marcados com nenhum dos morfemas pós verbais possam indicar o anterior, frequentemente são marcados de forma redundante com esses morfemas (pós verbais);
- e a combinação **ba dja** indica que a acção ou estado do verbo ocorreu num momento anterior a outro momento, também anterior:

Progressivo/Futuro	N	na	bay	bias.	<i>Estou a viajar/viajarei.</i> <i>Vou viajar.</i>
Habitual/Conjuntivo	N	ta	bay	bias.	<i>Costumo viajar.</i> <i>Viajo sempre.</i>
	Bu	ta	bin	buskan.	<i>Vem buscar-me (quando puderes).</i>
Anterior	N	bay	ba	bias.	<i>Viajava / Viajei.</i>
Completivo	N	Kume	dja.		<i>(Já) Comi.</i>
+Anterior	N	bay	ba dja	bias.	<i>Tinha viajado</i>

Note-se que a natureza do **dja** é ambígua, porquanto em determinadas estruturas funciona como um advérbio, noutras como um marcador de TMA (cf. Peck 1988, Kihm 1994).

Das combinações de marcadores pré e pós verbais e do uso dos auxiliares *bin* 'vir', *bay* 'ir' podem resultar outros tempos, aspectos e modos verbais complexos.

CONDICIONAL N **na** bin **ba** Guiné...

eu PROG vir ANT Guiné

'Viria à Guiné...'

IMPERFEITO CONJUNTIVO ... **si** N tene **ba** dinheru.

se eu ter ANT dinheiro

'... se tivesse dinheiro.'

PL

A.

Kihm (1994:129) nota que no nosso crioulo o morfema *ba* (ou *ban*, em Cacheu na Guiné Bissau e em Ziguinchor, no Casamance) pode preceder nomes próprios de pessoas para indicar a sua família, amigos etc. Kihm relaciona-o ao "prefixo da classe 2 /*ba*-/, marcador do plural dos nomes humanos, presente em várias línguas da região, principalmente no manjaku (MANJ), balanta (BAL) e diola (DI) e papel (pepel)".

Note-se que o *ba* (2.PL, Maristella 1985) do BAL (o lecto balanta que conheço) é a forma enfática de *bi*, pronome pessoal sujeito 3.PL, não enfático.

4a-CG **Ba** *Ntoni*

3.PL António

'António e a sua família e os seus amigos'

4b-BAL **Bi-** *Ntoni*
 3.PL António
 ‘António, a sua família e os seus amigos’

No mesolecto e no acrolecto o plural pode ser inferido a partir do contexto ou indicado morfologicamente através da sufixação do morfema de plural {-s} aos nomes, especialmente os [+humanos]. Por outras palavras, as variedades mesolectais e acrolectais marcam o plural através do mesmo processo morfológico usado no português e segundo Quint (2008, informação pessoal), a sintaxe do -PL do crioulo guineense poderá estar relacionado também com a do mandinga, língua africana falada na Guiné Bissau, cuja morfologia na marcação do plural é via sufixação. Neste caso, a marcação do plural no crioulo guineense teria uma origem múltipla.

Contudo, nas variedades basilectais apenas os núcleos nominais [+humanos] não precedidos de um quantificador (dus, tris... manga del... ‘dois, três... muitos’) recebem a3wa marcação morfológica do plural. Apesar destas diferenças entre si, todas as variedades do crioulo partilham o facto de os determinantes e os modificadores serem invariáveis e não receberem, por isso, qualquer marcação de número (cf. a nota sobre POSS-Ø declaração-PL).

5-CG *mininu* *djiru* __
 menino SG inteligente SG
 ‘um menino inteligente’

6-CG *mininu-s* *djiru* __
 menino -PL inteligente:SG
 ‘uns meninos inteligentes’

7-CG	<i>Na</i>	<i>kal</i>	<i>lingu</i>	<i>ke</i>	<i>n</i>	<i>na</i>	<i>kanta...</i>
	PREP	INTER	língua	REL	1.SG	TMA	cantar
PORT	em	qual	língua	que	eu		cantar
Trad	‘Em que língua cantar?’						

8-CG	<i>storias</i>	<i>ke</i>	<i>n</i>	<i>kont</i>	<i>-a</i>	<i>-du?</i>
	histórias	REL	1.SG	RAD	V.TEM	PASSIVA
PORT	histórias	que	me	conta		-do
Trad	‘As histórias que ouvi contar?’					

PASSIVA

Os verbos transitivos do crioulo guineense aceitam o sufixo passivo *-du*, certamente derivado da flexão do particípio passado do português *-do*. A estrutura da voz passiva varia, desde a típica do português à estrutura passiva típica deste crioulo: o objecto directo da frase activa passa a ser o sujeito da frase passiva, o verbo da frase activa é conjugado com o auxiliar *ser* e é-lhe sufixado o afixo *-do* e o sujeito da frase activa passa a ser o complemento agente da frase passiva. No

crioulo também o objecto directo da frase activa passa a sujeito da passiva, o verbo da activa recebe o sufixo *-du* (sem o auxiliar *sedu* 'ser') e o complemento agente da passiva normalmente não é expresso.

A estrutura típica do crioulo é a mais frequente, porque a sintaxe da voz passiva acrolectal gera confusões, sendo o sintagma preposicional frequentemente interpretado como objecto indirecto, devido a homofonia das preposições *pa* 'por' e *pa* 'para'. Quando simplesmente se transfere a sintaxe da voz passiva do português para crioulo e quando se lhe quer atribuir os mesmos grupos sintácticos pode induzir a erros, não só pela confusão entre **pa** 'por' e **pa** 'para' (Semedo 2008, informação pessoal). Para uma melhor clarificação do sentido da frase, o crioulo guineense adiciona opcionalmente uma oração a forma passiva.

9-CG *Dan* *kume* *panket.* **ACTIVA**
 SUJ V OD
 Dan comer panqueca
 'A Dan comeu as panquecas.'

10-CG *Panket* *kume* *-du.* **PASSIVA**
 SUJ V PAS
 Panqueca comer -do
 'A panqueca foi comida.'

11-CG *... i Dan ku kume -l*
 ser Dan que comeu -a
 '...foi Dan quem a comeu.'

12-CG *Na kal lingu ke n na skirbi...*
 PREP INTER língua REL 1.SG TMA escrever
 PORT em qual língua que eu escrever
 Trad 'Em que língua escrever?'

13-CG *pa n konta fasaña -s di mindjer -is*
 PREP 1.SG contar façanhas -PL PREP mulher -PL
 PORT para eu contar façanhas de mulheres
 Trad 'contando os feitos das mulheres'

14-CG *ku omi -s di ña tchon?*
 CONJ homem -PL de POSS chão
 PORT com homens de minha terra
 Trad 'E dos homens do meu chão?'

15-CG	Kuma	ke	n	na	papia	di	no	omi	-s	garandi,
PORT	INTER	INTER	1.SG	TMA	falar	PREP	POSS	homem	-PL	grande
Trad	como	que	eu	FUT	falar	de	nosso	homens		grande
	'Como falar dos velhos,'									

16-CG	di	no	pasada	-s	ku	no	kantiga	-s?
PORT	PREP	POSS	passado	-PL	CONJ	POSS	cantiga	-PL
Trad	de	nosso	passado		com	nosso	cantigas	
	'das passadas e cantigas'							

RELATIVO

Ku/ki, pronome relativo, conjunção ou preposição?

A primeira constatação é que o **ku** divide-se em dois o **ku**, e um dos seus alomorfes **ki**, ou o mais raro **k**, 'que'. Introduz as orações relativas são introduzidas e o seu uso é obrigatório. Podem funcionar como sujeito ou objecto directo da oração relativa.

17-CG	<i>Omi</i>	[ku	<i>mora</i>	<i>na</i>	<i>e</i>	<i>kasa</i>]	<i>i</i>	<i>pursor.</i>
	homem	REL	morar	em	esta	casa	é	professor
	'O homem que vive nesta casa é professor.'							

18-CG	<i>Omi</i>	[ku	<i>bu</i>	<i>odja</i>]	(<i>i</i>)	<i>kumpridu.</i>
	homem	REL	2.SG	ver	3.SG	alto
	'O homem que viste é alto.'					

A sua forma clítica **ki** pode ter resultado da assimilação do ponto de articulação da vogal **i** do pronome pessoal sujeito 3.SG . O emprego indiferenciado do **ku** ou **ki** ao que parece é livre. Porém dados empíricos mostram que o **ku** é mais basilectal (kryol fundu) e o **ki** é mais acrolectal (kryol lebi).

Note-se ainda que o **ku** pode ser uma conjunção coordenada copulativa, *ami ku Djon* 'eu e o João', bem como pode ser um pronome relativo (cf. os exemplos anteriores) e ainda uma preposição *n diyanta ku nha amigu* 'estou com o meu amigo'. Não se confunda porém o **ku** com o **ke** (pronome interrogativo).

19-CG	Pa	n	konta	-l	na	kriol?
PORT	PREP	1.SG	contar	-3.SG	PREP	crioulo
Trad	para	eu	contar	as	em	crioulo
	'Falarei em crioulo?'					

-3.SG

Pronome pessoal clítico 3.SG, objecto directo. Segundo a convenção de Scamtamburlo 2007, deverá ser sufixado ao verbo.

20-CG	Na	kriol	ke	n	na	konta	-l!
	PREP	crioulo	REL	1.SG	TMA	contar	-a
PORT	em	crioulo	que	eu	FUT	contar	
Trad	'Falarei em crioulo!'						

21-CG	Ma	kal	sinal	ke	n	na	disa
	CONJ	INTER	sinal	REL	1.SG	TMA	deixar
PORT	mas	qual	sinal	que	eu	FUT	deixar
Trad	'Mas que sinais deixar.'						

CONJ

Conjunção adversativa.

22-CG	Netu	-s	di	no	djorson?
	neto	-PL	PREP	POSS 1.PL	geração
PORT	netos		de	nossa	geração
Trad	'Aos netos deste século?'				

neto

O objecto indirecto do nosso crioulo não é precedido de preposição ou de contracção de preposição. Os verbos ditransitivos requerem dois complementos, o objecto directo e o indirecto, sendo que a sua sintaxe dentro do sintagma verbal obedece a uma hierarquia: o verbo é seguido do objecto indirecto e só depois o objecto directo.

23-CG	N	da	Djon	karu.
	1.SG	dar	João	carro
			OInd	OD
	'Dei um carro ao João.'			

24-CG	Ña	rekadu	n	na	disa	-l	tambi	na	(u)n	fodja.
	POSS	recado	1.SG	TMA	deixar	o	também	PREP	IND	folha
PORT	meu	recado	eu	FUT	deixar	-o	CONJ	em	uma	folha
Trad	'Deixarei o recado num pergaminho'									

NOTA SOBRE O SINTAGMA NOMINAL

O sintagma nominal do crioulo guineense pode ser constituído:

- (a) exclusivamente pelo núcleo, seja este ocupado por um nome ou por um pronome;
- (b) pelo núcleo nominal e seus determinantes, quantificadores e/ou modificadores.

Os determinantes especificadores do nome podem ser homónimos dos pronomes demonstrativos: **e**, **es** e **ki** (e parecem estar etimologicamente relacionados com **esse** e **aquele** do português), e são invariáveis quanto ao número e quanto ao género. A função desses constituintes é a de especificar os nomes que acompanham. O seu emprego dá um carácter específico ao nome (por oposição ao indefinido) e a sua ausência pode dar uma leitura genérica ao nome.

Como já se disse, no nosso crioulo não há concordância de número e de género entre o núcleo nominal (normalmente marcado em número em todos os lectos, e em género apenas no mesolecto [ocasionalmente] e no acrolecto):

25-CG	Omi	-s	garandi	_____
	Homem	-PL	grande	PL
	'os velhos'			

O paralelismo desta estrutura do sintagma nominal com a das línguas africanas vizinhas do crioulo guineense indica uma relação de influência estrutural das línguas africanas no crioulo.

NOTA SOBRE O SINTAGMA VERBAL

Os verbos adjectivais

No crioulo guineense, tal como nas línguas africanas da Guiné, existe a categoria dos verbos adjectivais, i.e., alguns dos elementos conhecidos na gramática tradicional como adjectivos funcionam nestas línguas como verbos, podendo ser marcados com os morfemas de TMA para indicar o tempo o modo e o aspecto gramaticais.

26-CG	N	famozu	ba.
	Eu	∅	famoso TMA
		'Eu era famoso'	

Os adjectivos do português não têm estas propriedades.

Esta exploração gramatical (análise) foi feita com base na convenção para a análise interlinear morfema a morfema de Leipzig (Leipzig Glossing Rules), edição revista de 2003.

ABREVIATURAS

(i)	item de uso opcional
ANT	anterior
+ANT	mais anterior
AUX	auxiliar
BAL	balanta
CG	crioulo guineense
ENF	enfático
-ENF	Não enfático
HAB	marcador do habitual
IND	indicativo
INTER	interrogativo
IMP	imperfeito
NUM	numeral
OD	objecto directo
OInd	objecto indirecto
PASS	passiva
PL	plural / pluralizador
PORT	português
POS	possessivo
PP	particípio passado
PREP	preposição
PROG	marcador do progressivo
RAD	radical
REL	relativizador s singular
SN	sintagma nominal
TMA	marcador de tempo, modo ou aspecto
V.ADJ	verbos adjectivos
V.TEM	vogal temática